

PROJETO CALÍOPE:

Narrativas jornalistas para o Instagram do GT Mulheres na Ciência da UNIPAMPA

Júlia S. Goulartⁱ
Alciane Nolibos Baccinⁱⁱ

Quem somos?

Somos o Projeto Calíope e temos por objetivo falar sobre o papel da mulher na ciência e contexto em que essas personagens vivem utilizando narrativas do jornalismo, no Instagram. Surgimos a partir do planejamento do PD&I, com o intuito de realizar uma primeira edição para falar de cientistas da área da saúde para a Assessoria de Comunicação do Hospital Universitário de Santa Maria, em parceria com o Laboratório de Experimentação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria.

Antes de estabelecermos a parceria definitiva já havíamos criado uma identidade visual para o Projeto Calíope e criado um perfil no Instagramⁱⁱⁱ que seria alimentado e posteriormente, receberia também os conteúdos produzidos para o GT.

No entanto, devido a alguns prazos e burocracias acabamos realizando nosso projeto para o Grupo de Trabalho Mulheres na Ciência da UNIPAMPA, da Universidade Federal do Pampa. Com o intermédio de contato feito pela professora Sara Feitosa, integrante do GT, conhecemos a professora Pâmela Billig Mello Carpes, Chefe da divisão da Coordenadoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Pampa que nos conectou com as sete mulheres que hoje compõem o grupo.

O GT Mulheres na Ciência da UNIPAMPA é ligado à Reitoria da UNIPAMPA e tem por objetivo principal discutir e propor políticas institucionais de incentivo e de apoio à participação das mulheres na ciência. Foi instituído no dia 05 de novembro de 2020 pela Portaria 1916.

O Grupo tem realizado debates e proposto ações institucionais. Inicialmente criaram um site e página em rede social para divulgar o trabalho do GT. Elas têm por intenção realizar uma pesquisa diagnóstica interna para identificar as demandas prioritárias das mulheres da UNIPAMPA. No início de 2021, o grupo entrou em contato com as pró-reitorias acadêmicas e enviou ofício sugerindo ações e iniciativas voltadas às mulheres na UNIPAMPA, entre elas a consideração da licença maternidade na análise do currículo das proponentes em todos os editais e a criação de editais específicos. Também forneceram apoio à PRAEC para a construção de um edital de concessão de kits de acesso digital para estudantes da Unipampa que são mães. Ainda, tem participado de eventos, debates e projetos de divulgação das mulheres na ciência.

Atualmente, 50%^{iv} dos pesquisadores brasileiros são do sexo feminino, e 46%^v dessas mulheres são docentes em universidades, local onde mais se produz ciência no Brasil. Cerca de 46%^{vi} dos cargos de liderança em grupo de pesquisa são ocupados por mulheres. Em relatório divulgado pelo Observatório Ibero-americano de la Ciencia, la Tecnología y la Sociedad de la Organización de Estados Ibero-americanos em 2018, entre 2014 e 2017, cerca de 72% dos artigos publicados foram assinados por pesquisadoras mulheres. E o Brasil foi o país ibero-americano com a maior porcentagem de artigos científicos assinados pelo sexo feminino, tanto como autora principal quanto como coautora.

No entanto, em uma pesquisa, realizada por pesquisadores da Fio Cruz ^{vii}, a chance de um homem cientista aparecer em uma matéria é o dobro do que uma mulher. Nosso interesse por falar sobre a visibilidade da mulher na ciência, surgiu antes do mestrado profissional quando a mestranda Júlia Goulart desenvolveu seu trabalho de conclusão curso. Intitulado “Memórias em silêncios: as enfermeiras brasileiras na Segunda Guerra Mundial”, o documentário fala

sobre a participação feminina em defesa do Brasil durante a Segunda Guerra e a falta de visibilidade que essas mulheres tiveram mesmo tendo um trabalho crucial para a vitória dos Aliados no conflito.

Além disso, materiais como o livro *Pioneiras da Ciência*^{viii} das autoras Hildete de Melo e Lígia Rodrigues, publicado em 2006 e o site do coletivo de mídia Gênero e Número, Open Box da Ciência foram inspirações para falar sobre a temática.

Um dos fatores que contribuiu para falar especificamente das ciências da saúde, nessa primeira edição, foi o fato de que grande parte dos pesquisadores são dessa área, e a explosão da pandemia da COVID-19, item marcante e significativo em todas as entrevistas realizadas.

O objetivo principal do projeto é produzir conteúdo para o Instagram do Grupo de Trabalho Mulheres na Ciência da UNIPAMPA utilizando das potencialidades da rede social por meio de entrevistas com três mulheres cientistas das ciências da saúde.

Para realizar o que pretendíamos: firmamos a parceria com o GT, solicitamos ao grupo a seleção de três cientistas da Unipampa que poderiam ser entrevistadas, realizamos e gravamos as entrevistas com as selecionadas, transformamos os conteúdos das entrevistas em material audiovisual, sonoro e textual.

Qual nosso desafio?

Durante o planejamento do nosso projeto, fizemos um mapeamento de algumas iniciativas e também pesquisas que relacionavam divulgação científica, jornalismo e Instagram. A escassez de trabalhos, para não dizer a não existência, serviu de alerta e já um desafio inicial para pensarmos em como utilizar das narrativas jornalísticas no Instagram para falar de ciência, e mais especificamente de mulheres cientistas.

O percurso para produção de conteúdo passou por iniciativas como o Programa Mulher e Ciência do CNPq, que criou o Pioneiras da Ciência. Um projeto, iniciado em 2013, baseado no livro de mesmo nome das pesquisadoras Hildete Pereira de Melo (UFF) e Lígia M.C.S Rodrigues (CBPF) que elencaram 19 mulheres com trabalhos que contribuíram de forma relevante para o avanço do conhecimento científico. O Pioneiras da Ciência já teve sete edições e apresentou o trabalho de 89 pesquisadoras de diversas áreas do conhecimento até 2018. No entanto, observamos que a maior parte dos canais que divulgam esse projeto, segundo pesquisas no Google, são do meio acadêmico, e por consequência não envolve públicos de fora da academia que deveriam conhecer o trabalho dessas mulheres.

Outro projeto observado foi o site Open Box da Ciência, “uma cartografia que revela rostos e pesquisas de mulheres cientistas [...] unindo jornalismo, design interativo e análise de dados”, como menciona o site. Foram selecionadas 50 mulheres das cinco áreas do conhecimento após um levantamento e análise das informações contidas na base de dados da equipe, a partir da plataforma Lattes.

Ambas as autoras dos projetos citados acima, a jornalista Vitória Régia e a professora Hildete de Melo foram entrevistadas e explicaram seu processo de apuração de informações e processo de seleção para escolher as pesquisadoras entrevistadas.

Mais tarde, o desafio foi planejar as postagens e escolher como fazer a segmentação de cada entrevistada em duas postagens. No processo de execução, foi necessário estabelecer critérios de fala que estariam presentes dentro da primeira e da segunda postagem, para seguirem duas linhas distintas e não apresentarem conteúdos tão semelhantes.

O que fizemos?

Inicialmente, nossa intenção era estabelecer parceria com a Assessoria de Comunicação do Hospital Universitário de Santa Maria e entrevistar três mulheres pesquisadoras da instituição.

Para isso, necessitamos do auxílio de uma professora do campus da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que assinasse o projeto na instituição e colocasse a nossa equipe como pesquisadoras externas. Estabelecemos uma parceria com a professora Laura Storch, no Laboratório de Experimentação em Jornalismo (LEJ), do curso de Jornalismo da instituição. Graças a ela, conseguimos o aceite dentro da Gerência de Pesquisa e Extensão (GEP) do HUSM, no entanto ainda necessitamos do aceite do Comitê de Ética e Pesquisa da UFSM para começar a colher dados e entrevistar as pesquisadoras dentro do Hospital.

Além disso, também contactamos o estudante de Publicidade e Propaganda da UFSM, Gabriel Vilela, optamos por escolher o cérebro como símbolo principal do projeto, já que é o elemento em comum em todas as ciências. Durante essa primeira edição a ideia é permanecermos na cor azul, para remeter às ciências da saúde, além da variação com a cor branca e cinza.

Imagem 1 - Identidade visual criado para o Projeto Calíope



Fonte: elaborado pelas autoras

Durante o processo de espera da avaliação do Comitê, buscamos entender melhor o contexto da mulher na ciência e começamos a criar presença no Instagram por meio da criação do perfil no Instagram @projetocaliope. Lá publicamos algumas das entrevistas que realizamos com mulheres das mais diversas áreas do conhecimento.

Imagem 2 - perfil oficial do Projeto Calíope no Instagram



Fonte: elaborado pelas autoras

Conversamos e publicamos entrevistas com a professora Márcia Barbosa, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a professora Sônia Guimarães do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), professora Hildete Pereira de Melo, da Universidade Federal Fluminense (UFF), com a jornalista Vitória Régia da Silva, do grupo de mídia, Gênero e Número, autor do projeto Open Box da Ciência. Além delas, também conversamos com a professora Adriana Neumann, Maria Luiza Saraiva, Fernanda Staniscuaski todas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no entanto, suas entrevistas ainda não foram publicadas.

Por causa de prazos e questões burocráticas que se alongaram na nossa parceria com a Universidade Federal do Pampa, vimos que seria necessário encontrar um outro parceiro. Foi então que conhecemos o Grupo de Trabalho Mulheres na Ciência da UNIPAMPA. Por intermédio da professora Sara Feitosa, membro do grupo, contatamos a professora Pâmela Billig Carpes, também participante do grupo, que nos conectou com as outras pesquisadoras da equipe.

Após algumas trocas de e-mails, apresentando nossa proposta de produzir material para o Instagram sobre três mulheres cientistas da saúde e que o necessitaríamos do Grupo (a indicação desses três nomes e a autorização para publicarmos em seu perfil do Instagram), acabamos marcando uma conversa pelo Google Meet.

Nela, conversamos com a docente Fabiane Ferreira da Silva, que estava representando o GT e explicamos mais detalhadamente sobre o processo de produção do material, com a proposta de cronograma para as postagens, sem a presença de datas mas com a estrutura do conteúdo para cada pesquisadora. A nossa intenção foi utilizar o que cada ferramenta do Instagram possibilitava. Por isso, realizamos três combinações diferentes, uma para cada autora, que logo explicaremos melhor.

Tabela 1 - Cronograma com sequência de postagens

SEMANA	CONTEÚDO	FORMATO
1	Apresentação - projeto Calíope + GT Mulheres na Ciência	Card
	Entrevistada 1 - apresentação	IGTV
	Entrevistada 1 - trechos da entrevista	Carrossel com áudio
2	Entrevistada 2 - apresentação	IGTV
	Entrevistada 2 - trechos da entrevista	Carrossel com vídeo
3	Entrevistada 3 - apresentação	IGTV
	Entrevistada 3 - trechos da entrevista	Carrossel com texto

Fonte: elaborado pelas autoras

Além de o grupo já ter previamente selecionado o nome de três mulheres, como havíamos solicitado, também surgiu a possibilidade de auxiliar na criação do perfil do GT no Instagram, que até então não existia.

Os três nomes indicados foram: Sandra Elisa Haas, Giulia Wiggers e Jenifer Harter, selecionadas pelo GT a partir de critérios de produção e também pelo grupo conhecer um pouco da vida de cada uma delas.

Com a confirmação da parceria, auxiliamos o Grupo na criação do perfil e na publicação das duas primeiras postagens que já haviam sido confeccionadas pela Assessoria de Comunicação da Universidade, e também da apresentação da parceria e publicação dos materiais de cada entrevistada, produzida por nós.

Imagem 4 - Três primeiras postagens do perfil @mulheresnaciencia.unipampa



Fonte: elaborado pelas autoras

Durante a publicação dessas postagens, em simultâneo aconteciam as entrevistas com as três selecionadas por videoconferência com Google Meet. Os contatos foram estabelecidos por e-mail e WhatsApp. Realizamos as entrevistas no período de uma semana. O roteiro foi

estruturado inicialmente com perguntas em comum para todas, e conforme a nossa conversa avançava novos questionamentos surgiam.

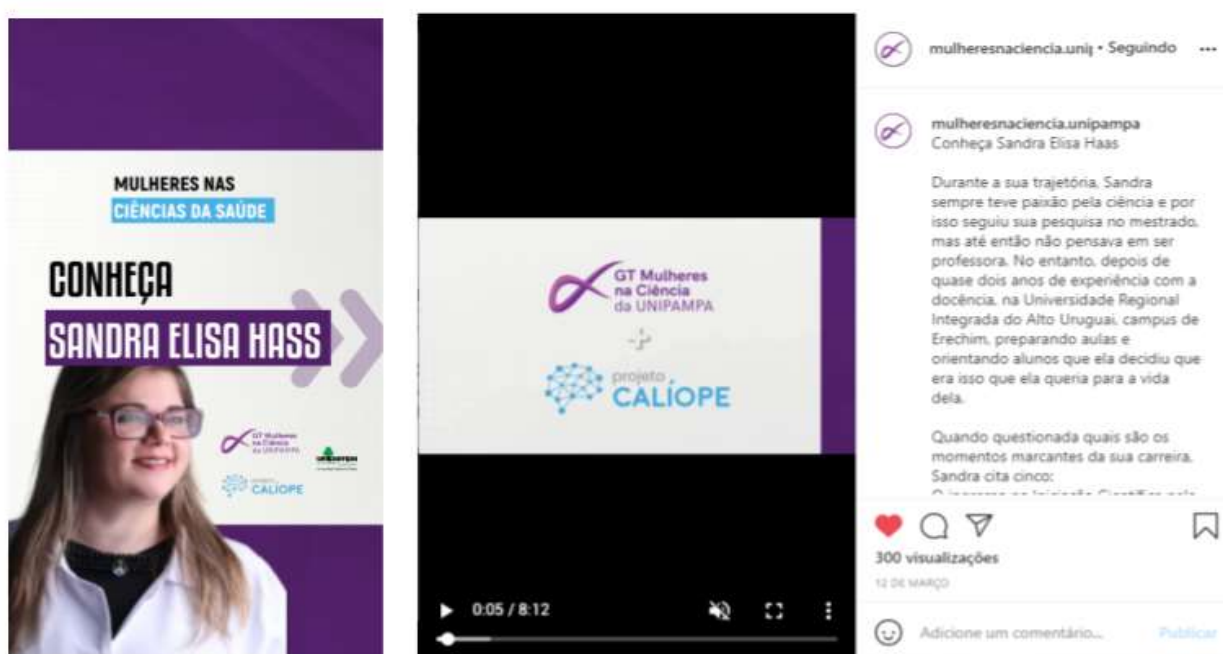
Como a nossa intenção era utilizar vídeo, áudio e texto com as cientistas, pedimos autorização para gravar as entrevistas e posteriormente decupamos e transcrevemos trechos que seriam necessários, separando nos dois tipos de publicação. A primeira sempre consistia no material audiovisual para o IGTV, com a apresentação da cientista, a escolha da profissão, o caminho para chegar até os dias de hoje e os desafios de ser mulher e cientista. A segunda era um carrossel de arquivos em vídeo, áudio ou texto focando especificamente nas suas opiniões e percepções sobre a visibilidade da mulher na ciência.

Toda a identidade visual do projeto foi enviada para nós, e graças a ela conseguimos manter um padrão visual no perfil.

Nossa primeira entrevistada foi a professora doutora Sandra Elisa Haas, farmacêutica de formação e docente no campus Uruguaiana. Na primeira publicação, em formato de IGTV, contamos tanto na legenda quanto no vídeo (de forma complementar).

As falas da professora Sandra foram cortadas e separadas por destino de publicação. No IGTV, a docente contou sobre a escolha da profissão, a sua carreira, sobre ter sido contemplada com a bolsa produtividade, sobre fazer parte de um projeto financiado pelo Capes que busca por medicamentos eficazes contra a COVID-19, e fala sobre como é ser mãe e cientista. Além disso, alguns trechos e conteúdos da entrevista foram abordados na legenda, que tinha por objetivo complementar o conteúdo do vídeo.

Imagem 5 - Capa do vídeo e postagem no IGTV no Instagram da professora Sandra Elisa, visualizada pelo desktop



Fonte: elaborado pelas autoras

Na segunda postagem, optamos por pegar falas da professora Sandra que abordavam as questões de gênero, ciência e maternidade. Após selecionar os trechos, convertemos o material para áudio e o colocamos em sete cards as falas da professora, acompanhada do nome e foto. Assim como na primeira postagem, alguns trechos e conteúdos da entrevista foram abordados na legenda para complementar o conteúdo dos áudios.

Imagem 6 - Arte gráfica de capa do carrossel com a professora Sandra Elisa Haas, visualizada pelo Instagram no desktop



Fonte: elaborado pelas autoras

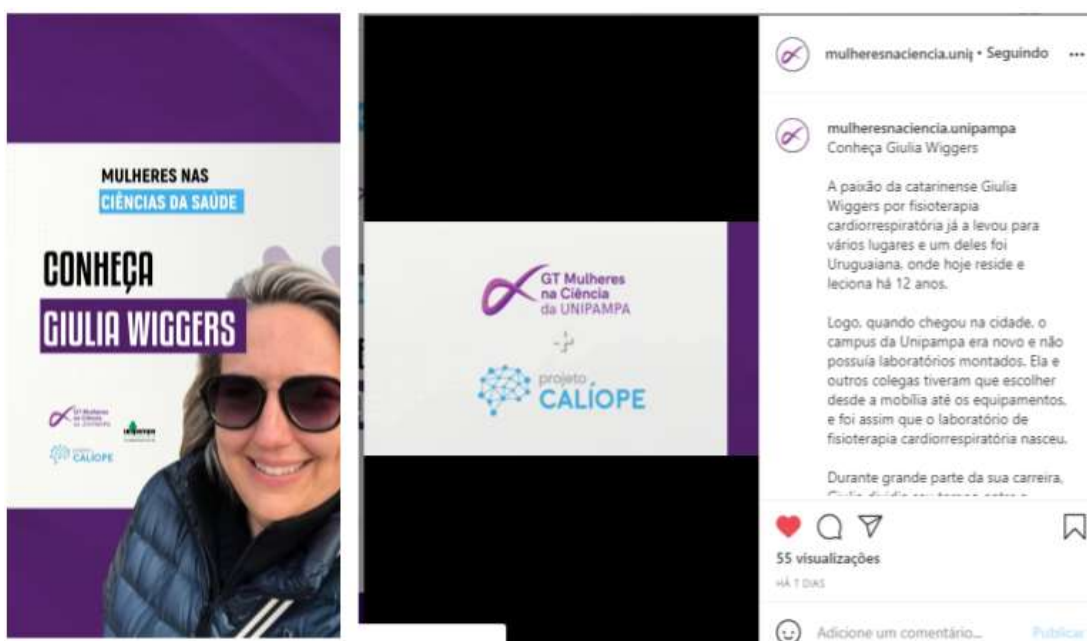
Imagem 7 - Exemplo de card com áudio presente no carrossel, visualizado pelo Instagram no desktop



Fonte: elaborado pelas autoras

A segunda entrevistada foi a professora doutora Giulia Wiggers, fisioterapeuta de formação, docente do campus de Uruguaiana e integrante do GT Mulheres na Ciência. No post de apresentação da pesquisadora, apresentamos um pouco da sua trajetória, dos espaços em que esteve presente até chegar à Universidade Federal do Pampa, sobre a pesquisa que desenvolve em parceria com a Espanha e brevemente sobre a sua relação com a maternidade, pois é mãe de um menino com autismo.

Imagem 8 - Capa do vídeo e postagem no IGTV, no Instagram da professora Giulia Wiggers, visualizada pelo desktop



Fonte: elaborado pelas autoras

Na segunda postagem em que falamos da professora Giulia Wiggers, optamos por utilizar o carrossel com vídeo de até 60 segundos. Ao total, selecionamos sete trechos que focaram principalmente na questão da maternidade dentro da ciência e como é importante dar exemplo para que mais mulheres façam pesquisa.

Imagem 9 - Arte gráfica de capa do carrossel com a professora Giulia Wiggers, visualizada pelo Instagram no desktop



Fonte: elaborado pelas autoras

Imagem 10 - Exemplo de card com vídeo presente no carrossel, visualizado pelo Instagram no desktop

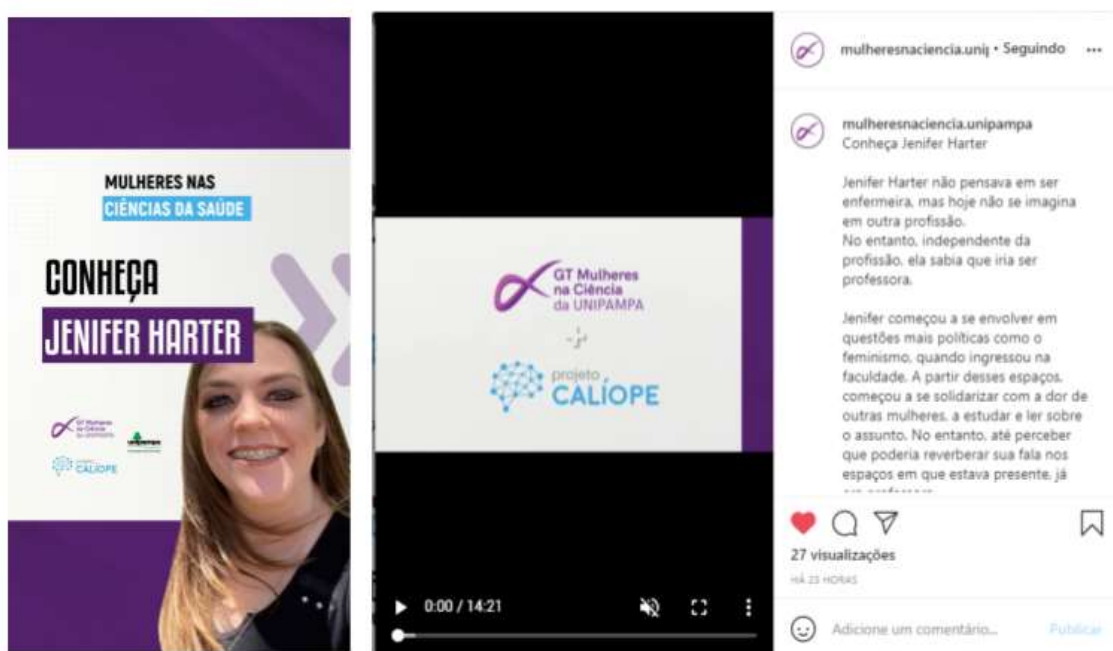


Fonte: elaborado pelas autoras

Em ambas as publicações, utilizamos da legenda como um material de apoio, com conteúdo diferente do que estava presente nos cards e vídeo.

A terceira entrevistada foi a professora doutora Jenifer Harter, enfermeira de formação. Na primeira publicação, onde apresentamos a pesquisadora abordamos sobre a questão da escolha da profissão, o amor pela docência, a luta feminista em sala de aula, como ela tem enfrentado os desafios de ser mulher, jovem e pesquisadora e a participação dela no EPICOVID.

Imagem 11 - Capa do vídeo e postagem no IGTV, no Instagram da professora Jenifer Harter, visualizada pelo desktop



Fonte: elaborado pelas autoras

Na segunda postagem, focamos mais especificamente nas opiniões e percepções da docente sobre a visibilidade da mulher na pesquisa, principalmente dentro da UNIPAMPA e o que podemos fazer para mudar essa realidade. Todos os trechos selecionados foram transcritos e transformados em trechos, separados em cinco cards.

Imagem 12 - Arte gráfica de capa do carrossel com a professora Jenifer Harter, visualizada pelo Instagram no desktop



Fonte: elaborado pelas autoras

Imagem 13 - Exemplo de card com vídeo presente no carrossel, visualizado pelo Instagram no desktop



Fonte: elaborado pelas autoras

No programa Adobe Premiere, realizamos a edição dos vídeos e após solicitarmos às entrevistadas, inserimos fotografias de momentos marcantes da sua vida como mulher e cientista, principalmente com o objetivo de trazer mais dinâmica ao vídeo. Optamos também pela utilização de *offs* (narração) e textos em tela, para que não tornasse a narrativa cansativa apenas com a fala da entrevistada e sem introdução de algum outro elemento visual. Utilizamos uma mesma vinheta para todos os vídeos. Todos os vídeos do IGTV possuem em torno de 8 a 14 minutos.

Para a realização das postagens em carrossel, utilizamos o site Canva e tivemos o cuidado de selecionar até oito trechos de áudio, vídeo ou texto, a depender do cronograma, que falassem sobre a vivência e os desafios da mulher na ciência, com opiniões e apontamentos dados pelas entrevistadas, a partir de questionamentos realizados.

Inicialmente, produzimos as postagens, revisamos internamente e depois enviamos para o e-mail das sete professoras integrantes do GT. Após elas enviavam seu *feedback* e aprovação para a postagem e legenda proposta. Somente após a confirmação das mesmas que programamos as postagens via mLabs, site que permite o agendamento de publicações. Ao todo, realizadas pela parceria do Projeto Calíope com o GT foram 8 publicações, totalizando 3 vídeos (IGTV), 3 carrosséis e uma imagem avulsa.

Qual nosso resultado?

Depois de executar o projeto percebemos o quanto ainda é recente o debate sobre a mulher na ciência dentro da Universidade Federal do Pampa. Somente com a nossa parceria que foi dado o início para a criação do perfil do Grupo de Trabalho no Instagram.

Nessa primeira edição, contatamos a única professora da área da saúde que se autodeclara como preta, porém não obtivemos retorno. A ideia é não pararmos por aqui, pretendemos entrevistar pesquisadoras da Universidade de outras áreas do conhecimento e trazer a questão racial para o debate.

Ademais, falar sobre a visibilidade da mulher seja na questão da parentalidade, de espaços de lideranças ou espaços de repressão são importantíssimos tanto a nível regional, quanto nacional. Incitar o debate em um espaço tão diverso e espalhado pelo estado, como na UNIPAMPA é uma grande. Principalmente pela UNIPAMPA possuir dez campi espalhados pelo estado, sabemos que o trabalho que está sendo desempenhado pelo GT Mulheres na Ciência, e também a nossa pequena participação, contribui significativamente para as políticas e ações que o grupo propõe.

A importância de falar diretamente com mulheres que vivem na pele os desafios da pesquisa, seja pela questão do corte de gastos na educação, seja por ser mulher é necessário.

Entrevistar mulheres da saúde que estão contribuindo direto ou indiretamente para os avanços

na pesquisa da COVID-19 também se mostrou muito relevante. Foi um consenso de todas as entrevistadas que é necessário falar, aproximar-se da sociedade, da população e mostrar o que a Universidade está fazendo. O projeto Calíope tem por um dos pilares a divulgação científica, então observamos que esse foi uma das grandes forças-motrizas para que trechos e falas importantes fossem ditas pelas pesquisadoras.

Após as publicações tivemos reações extremamente positivas e a valorização dos grupos de pesquisa, familiares, amigos e até mesmo colegas de instituição para com as docentes entrevistadas. Aplicamos um formulário com perguntas de múltipla escolha, com valores de 0 a 10.

Além disso, alegamos que, sim, o Instagram é uma ótima ferramenta para publicação de conteúdos multimídia. A possibilidade de divulgação de vídeos curtos e longos, áudios e textos criam uma infinidade de combinações. Neste trabalho, optamos por três, mas ainda é possível pensar em outras formas e outras formas de contar a história por meio de roteiros de áudio e vídeo, por exemplo.

Notas de referência

- ⁱ Autora do trabalho, jornalista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC/Unipampa). E-mail: juliasaldanhagoulart@gmail.com
- ⁱⁱ Orientadora do trabalho, jornalista, doutora em Comunicação e Informação, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC/Unipampa). E-mail: alcianeabbaccin@unipampa.edu.br
- ⁱⁱⁱ Perfil oficial do projeto Calíope www.instagram.com/projetocaliope
- ^{iv} Dados oficiais de pesquisa do CNPq.
- ^v Dados oficiais de pesquisa do CNPq.
- ^{vi} Dado oficial do Open Box da Ciência. www.openciencia.com.br
- ^{vii} Matéria sobre a pesquisa intitulada “[Cientistas na TV: como homens e mulheres da ciência são representados no Jornal Nacional e no Fantástico](#)”
- ^{viii} Livro digital “Pioneiras da Ciência”. http://www.sbpnet.org.br/site/publicacoes/outras-publicacoes/livro_pioneiras.pdf